

A DISCIPLINA COMPLEMENTOS DE MATEMÁTICA NA FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS EM MEADOS DO SÉCULO XX

Neuza Bertoni Pinto

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

neuzard@uol.com.br

Resumo

A partir da história das disciplinas escolares, o estudo busca compreender, no contexto da formação ofertada aos pedagogos, em meados do século XX, por duas importantes instituições de ensino superior do Paraná, as finalidades da disciplina Complementos de Matemática para a formação dos pedagogos. Analisando a legislação educacional que prescrevia currículos para a referida formação, relatórios institucionais e depoimentos de ex-alunos e ex-professores, o estudo destaca, na reconstituição dos fatos históricos, elos construídos entre as duas universidades, importantes para a história da formação de professores, de modo especial, para a história da educação matemática. Mostra que a disciplina Complementos de Matemática não apenas preparava o futuro profissional para ministrar aulas no ensino secundário, como indicam os depoimentos, subsidiava a disciplina Estatística Educacional no desenvolvimento de habilidades técnicas requeridas para uma formação mais ‘científica’ do pedagogo.

Palavras-chave: História da educação matemática; Pedagogia; Formação Matemática; Complementos Matemáticos.

Introdução

Na história das disciplinas escolares, Chervel (1990) chama a atenção para um aspecto fundamental a ser considerado. Trata-se do papel cumprido por uma disciplina na programação curricular de um curso. A presença da disciplina Complementos de Matemática no currículo de Pedagogia, em meados do século XX, instiga o pesquisador a essa busca de compreensão das finalidades dos conteúdos programáticos contemplados para a prática social dos pedagogos.

Relatos de ex-alunos de turmas pioneiras (1938) do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCLPR) e da década de 1950, da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Curitiba (FFCLC), indicam que a disciplina denominada “Complementos de Matemática” ocupava um lugar de destaque na

formação dos pedagogos, dada a hierarquia com que aparece na grade curricular do curso. Focalizando um tempo em que o pedagogo tinha autorização para ministrar aulas no ensino secundário, inclusive da disciplina Matemática, a questão que se coloca central no presente estudo é compreender as finalidades da disciplina Complementos de Matemática no curso de Pedagogia ofertado na década de 1950. Teria esse componente curricular tão somente a função de propiciar a formação matemática do pedagogo para exercer a docência em escolas secundárias? Esta indagação nos remete, de início, ao quadro teórico que tem alicerçado as recentes pesquisas da história das disciplinas escolares.

Compreender a problemática de uma disciplina escolar como um objeto cultural, no caso um componente curricular que pretendia dar sentido à prática profissional do pedagogo, requer do pesquisador, não apenas um olhar para a legislação educacional que regulava a formação docente do período, sobretudo, para a trajetória histórica da instituição formadora, de modo especial, para as relações acadêmicas envolvidas na seleção e distribuição das disciplinas de formação.

Buscar, portanto, propósitos do curso em termos legais articulados a vestígios da cultura profissional dos formadores, do significado da disciplina na matriz curricular, suas formas de apropriação no curso, toda essa trama poderá contribuir para reconstituir a imagem da instituição formadora enquanto lugar de criação de “fazeress profissionais” sintonizados a um tempo.

Trata-se de uma história, não limitada à análise da estrutura didática e epistemológica da disciplina em questão, ao buscar traços da cultura profissional prevalecente nos contextos acadêmicos de formação de professores intenta compreender, para além do currículo prescrito, a presença de uma disciplina que parece estar “um tanto deslocada” na composição do curso. Nesse sentido, analisa aspectos políticos que a envolvem, levando em conta que sua legitimação passa, necessariamente, pelas relações de poder, conflitos e negociações presentes no interior das instituições.

Para Goodson (1995), compreender o lugar ocupado por uma disciplina escolar no currículo de um curso é também compreender o espaço ocupado na sociedade pelo grupo acadêmico nela envolvido, é pensar suas finalidades a partir das complexas relações envolvidas nos processos de formação docente.

No presente estudo, o desafio é compreender a disciplina em questão no reverso da corrente chevallardiana¹, analisando relações que auxiliem na busca do sentido que imprimiu à formação dos pedagogos, em meados do século XX. Seja analisando o que estava em jogo na legislação educacional, em termos de definição de futuro profissional do pedagogo, seja buscando apropriações didático-pedagógicas do programa de ensino, seja apontando para novas reflexões e novos olhares sobre a formação matemática, oportunizada ao professor pedagogo, no decorrer da história, a preocupação central do estudo é compreender, no âmbito dos vínculos criados pela disciplina em análise, representações e concepções do que foi “cultivado” na formação do pedagogo para atuar no ensino secundário.

A formação pedagógica dos pedagogos: uma história conectada

Mantida pelos irmãos Maristas e UBEE (União Brasileira de Educação e Ensino), a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná funcionava, desde 1940, nas dependências do Colégio Santa Maria, ofertando cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Geografia e História, reconhecidos pelo Decreto-Lei 5756 de 04/06/1940. Em outubro do mesmo ano outros cursos foram reconhecidos como os de Matemática, Letras Clássicas, Letras Néo-Latinas e Letras Anglo-Germânicas (Decreto-Lei 6411 de 30/10/1940). O bacharelado em Matemática, afirma Almeida (2013), foi o primeiro curso a formar professores de Matemática, no Paraná. O curso de Pedagogia da FFCLC criado posteriormente, em 1952, foi primeiro, dentre os citados, a ser oficialmente reconhecido no ano de 1954.

Na reconstituição histórica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, a história da formação de professores vai revelando vínculos entres duas universidades reconhecidas no estado, UFPR e PUCPR, desde a criação dos primeiros cursos de formação de professores, instalados durante o governo de Manoel Ribas². Osmar Gonçalves da Mota, então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, também exercia o cargo de Secretário do Interior do Governo do estado do Paraná, condição esta que lhe permitia obter verbas para a manutenção da instituição. Uma crise política entre ele e o Governador Manoel Ribas resultou em sua saída do Governo, fato que implicou na

¹ Corrente centrada no conceito de “transposição didática” que segundo Chevallard (1991) permite a passagem do “saber científico” ao “saber ensinado”. Ao contrário, Chervel (1990) não considera a escola um espaço de reprodução, mas sim de criação de saberes.

² Manoel Ribas, governou o estado do Paraná como Interventor Federal, de 1932 a 1935, como Governador eleito pelo Congresso Legislativo, de 1935 a 1937 e novamente como Interventor Federal, nomeado por Getúlio Vargas, de 1937 a 1945, no regime do estado Novo. “Foi o mais longo período governamental que o Paraná conheceu” (WACHOWSKY, 1969, p. 307).

retirada da faculdade do prédio da Assembléia legislativa onde estava sediada. “Quem efetuou o despejo foi o corpo de Bombeiros : os pertences do estabelecimento foram colocados na via pública e em seguida removidos, uma parte para o sótão e para o porão da Faculdade de Engenharia, e outra ficou em sala do edifício sul América, cedida por Homero de Mello Braga, professor e Secretário da Faculdade” (GLASER, 1988, p.20).

Com as dificuldades crescentes para atender as despesas de manutenção e pagamento de professores, em junho de 1938 foram iniciadas negociações com os irmãos Maristas que manifestaram interesse pela Faculdade. Os laços entre as duas instituições se tornam mais nítidos no momento da “federalização”³ das universidades brasileiras, ocasião em que a FFCLPR transferiu seu curso de Matemática para uma instituição pública, contribuindo para que a mesma elevasse seu *status* e conseguisse atender as exigências legais, garantindo-se como Universidade Federal do Paraná.

A faculdade passou a ser mantida pela União Brasileira de Educação e Ensino, entidade proprietária do Instituto Santa Maria. Ao que indicam os documentos houve um agrupamento no mesmo local dos cursos que funcionavam separadamente nas duas instituições.

No Estatuto, modificações foram introduzidas no capítulo referente à administração da Faculdade : criou-se um conselho geral constituído pelo reitor do Instituto Santa Maria e por dois professores, indicados pela União Brasileira de Educação e Ensino, que assumiu a condição de entidade mantenedora dos cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná e Instituto Superior de Educação Anexo, cobrindo os orçamentos da Faculdade (GLASER, 1988, p. 22).

Na época, 1947, o Professor José Loureiro Fernandes⁴ era vice-diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UFPR. No período de 1948-49 assumiu a direção da FFCL da UFPR, quando o Professor Brasil Pinheiro Machado se licenciara para assumir um cargo eletivo e participou, ativamente, da comissão de federalização.

³ Francisco Campos aprova o “Estatuto das Universidades Brasileiras”, em 1931.

⁴ Prof. Dr. José Loureiro Fernandes (1903-1977) esteve intimamente ligado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, desde sua fundação pelos Irmãos Maristas. Quando esta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná foi incorporada à Universidade Federal do Paraná, por exigência do Ministério da Educação, que só criaria a Universidade se tivesse a Faculdade de Filosofia, os Irmãos Maristas criaram uma nova Faculdade de Filosofia, e o Dr. José Loureiro Fernandes foi um dos co-fundadores e professor. Como professor, ocupou muitos cargos na Universidade Federal do Paraná e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras dos Irmãos (Ferrarini, 2011).

⁴ Os documentos, até então localizados e que farão parte do Centro de Memória (CEME) da PUCPR, ainda não disponíveis para consulta.

O assunto “federalização” foi pauta da reunião de Colegiado da FFCL, ocorrida em 28 de junho de 1950, em que o Professor José Loureiro Fernandes, Presidente da Congregação de Professores informa aos presentes que para facilitar o processo de federalização da universidade, o estado do Paraná assumiria o ônus do saldo devedor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná para com a União Brasileira da Educação e Ensino (UBEE).

A recisão de contrato foi assinada pelo então Diretor Professor José Loureiro Fernandes, José Pinheiro Braga (procurador da UBEE) e pelo então Governador do Paraná, Moysés Lupion. Formalizado o acordo, foi constituída uma comissão, para tratar do processo de federalização da UFPR, composta pelos Professores José Loureiro Fernandes, Brasil Pinheiro Machado, Homero Batista de Barros, Manoel Lacerda Pinto, Laertes Munhoz e Carlos Stellfeld. Assim, em 4 de dezembro de 1950, pela Lei 1.254, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná foi oficialmente federalizada como unidade integrante da UFPR (GLASER, 1988, p. 13).

Nos raros registros sobre o Curso de Pedagogia da PUCPR⁵, a sigla da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras que constava como FFCLP, apresenta alteração na última letra, P é substituído por C. Para o pesquisador, essa alteração é uma pista para a compreensão do significado da Ata da 5ª Reunião da Congregação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Curitiba, de 05/08/1950, que tratava da fundação de novos cursos e a de 27/08/1950 que relacionava professores fundadores de seus cursos. “Essa faculdade era dividida em cinco departamentos: Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia [...] juntamente com os cursos de Geografia e História, Letras Neo-Latinas, o curso de Pedagogia, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Curitiba, foi reconhecido pelo Decreto nº 36.628, de 22/12/1954, um ano antes do reconhecimento dos demais cursos de licenciaturas, ofertados pela mesma fundação UBEE, na década de 1950⁶ (ALMEIDA, 2013).

⁵ Os documentos ainda não estão disponíveis para consulta farão parte do Museu da Memória da PUCPR. Agradecemos a colaboração do Prof. Manoel Campos de Almeida pela disponibilidade de registros contidos nos RELATÓRIOS da FFCLC (hoje PUCPR), referentes às décadas de 1950 e 1960.

⁶ Os cursos de Matemática, Filosofia, História Natural e Letras Anglo-Germânicas foram reconhecidos pelo Decreto nº 38.306, de 14/12/1955; os de Física, Química, Letras Clássicas, pelo Decreto nº 39.408, de 14/07/1956. O curso Didática foi reconhecido pelo Decreto nº 40.233 de 31/10/1956 (RELATÓRIO da Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Curitiba).

Esse detalhe de mudança na sigla nos remete novamente à história da UFPR, então uma Faculdade de Filosofia pública que estreitou laços com uma instituição⁷ da ordem marista.

Em entrevista concedida a dois articulistas do número comemorativo do cinquentenário do Curso de Pedagogia da UFPR, a ex-professora da UFPR e ex-aluna da primeira turma, Pórcia Guimarães Alves, relata sobre a Faculdade de Filosofia:

[...] Os professores eram os intelectuais da terra. Estavam preocupados em estruturar a Universidade para garantir sua sobrevivência. Então, vejam que interessante, se reuniam nesse Café, as discussões continuavam [...] mais tarde iam para a sede da Gazeta arrebanhando mais alguns jornalistas para bater papo [...] Carlos de Paula Soares de Melo Braga e Omar Gonçalves da Mota que fizeram uma convocação...estava m presentes professores, representantes do mundo intelectual, político e social. [...] no nível regional, teve uma enorme e importante repercussão. Positiva, de um lado, posso dizer houve repercussão negativa, e é fácil de constatar : existia a Escola Normal, a excelente Escola Normal em Curitiba, com excelentes professores. Esses se sentiram magoados pela instalação de Curso Superior de Educação que formava professores secundários e que um dos cursos formava professores primários. Esses professores que eram só normalistas não foram convidados para participar do corpo docente (VAN DEN BERG; MIRANDA, 1988, p.).

A entrevistada lembra que “no ano seguinte desapareceu o Instituto Superior de Educação e no seu lugar surgiu o Curso de Pedagogia [...] quando houve essa adaptação, a Faculdade Nacional passou a ser a escola padrão para todas as Faculdades Nacionais” (p. 130).

Outra entrevista, concedida pelo ex-aluno e ex-professor do curso de Pedagogia da UFPR, Lauro Esmanhoto, destaca sua iniciação profissional como professor de Matemática

⁷ Na Cronologia elaborada por GLASER (1988, p. 55) consta: " [...]1938 – Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Instituto Superior de Educação Anexo – Curitiba. 1939 – Contrato de manutenção com a União Brasileira de Educação e Ensino de Curitiba – Irmãos Maristas. Criação dos Departamentos de Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia. 1940- Autorização para funcionar o Curso de Pedagogia . Inauguração do prédio da Rua 15 de Novembro – Irmãos Maristas. 1ª colação de grau – 5 de dezembro . 1941- Autorização e funcionamento do Curso de Didática – Decreto nº 8.237 – 18 de novembro. 1942- Reconhecimento e aprovação do Curso de Pedagogia – Parecer 242/42. [...]1946 – Restauração –Decreto 9. 323, de junho, dava à Universidade do Paraná, todas as regalias e direitos de universidade livre. [...] 1950 – Federalização da UFPR, Decreto nº 1254, 4 de dezembro.

no Colégio Nossa Senhora do Sion (1940-1944), no Colégio Sagrado Coração de Jesus (1945-1951) e como professor catedrático interino no Colégio Estadual do Paraná, da primeira cadeira de Matemática (1944-1955), nomeado pelo interventor Manoel Ribas, em substituição ao professor Algacyr Munhoz Maeder. Em 1953, Lauro Esmanhoto foi aprovado no concurso de livre-docência na cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada (CERVI; MULLER, 1988).

No início desse ano, dos formados em Pedagogia, Albano Woiski foi o primeiro livre-docente aprovado para a cadeira de Didática e Didática Especial. Em 1940, passa a integrar o quadro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Instituto de Educação anexo, como professor catedrático substituto da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada, a convite de professor Rosário Mansur Guérios (GLASER, 1988).

Relato de outro ex-aluno e ex-professor do Curso de Pedagogia da UFPR, universidade que completava meio século de existência em 1988 dizia;

Naquele tempo, era uma espécie de diferença ser pedagogo — porque havia o professor que era médico, engenheiro, advogado, como os que davam aulas no Ginásio Paranaense, que eu também freqüentei. E havia os professores normalistas. Então, pedagogo, parecia uma diferença muito grande, que deveria ser conquistada em um curso superior... A minha turma de pedagogia não passava de nove pessoas, e nós tínhamos aulas à tarde. Umhas disciplinas... assim, não lembro, mas havia Complementos de Matemática — que nos levou a estudar novamente Matemática, para compreendermos os cálculos estatísticos (GLASER; CARNEIRO. Entrevista concedida por Albano Woiski, 1988).

Woiski relata que o Curso de Pedagogia “começou engatinhando” porque o pedagogo só podia lecionar Filosofia e Matemática... “uma das razões porque me tornei professor de Filosofia no antigo Ginásio Paranaense, em 1948, dois anos após minha colação de grau, época dos blecautes, após a Segunda Guerra Mundial” (p. 121).

Referindo-se a outro momento de sua trajetória profissional, fala do convite que recebeu para fazer parte do Programa de Mestrado em Educação da UFPR, “E eu resolvi lecionar uma disciplina que não existia no Brasil: Didática Experiencial. Para mim foi uma experiência extraordinária, porque eu estava colocando em linha de ação uma proposta muito difícil, as idéias de Carl Rogers” (p. 119).

Tais relatos evidenciam elos entre da profissionalização docente com a configuração das disciplinas envolvidas no curso de Pedagogia, pistas, não apenas dos *espaços profissionais* conquistados também dos elos institucionais que contribuíram para definir a formação do pedagogo em tempos de importantes reformas.

Da formação matemática dos pedagogos na década de 1950

Nos Relatórios da FFCLC, décadas de 1950 e 1960, encontram-se informações dos aspectos regimentais da organização curricular oficial do Curso de Pedagogia. O Art.17 (Seção X) diz que o curso de Pedagogia é de três anos, com a seguinte seriação de disciplinas: primeira série : a) Complementos de Matemática b) Sociologia c) Fundamentos Biológicos da Educação d) História da Filosofia e) Psicologia Educacional f) Dogma. Na segunda série : a) Estatística Educacional b) História da Educação c) Fundamentos Sociológicos da Educação d) Psicologia Educacional e) Administração Escolar f) Moral. Na terceira série: a) História da Educação b) Psicologia Educacional c) Administração Escolar d) Educação Comparada e Filosofia da Educação f) História do Cristianismo. Com exceção das disciplinas História do Cristianismo e Moral, que constavam do currículo da FFCLC, essa composição curricular foi instituída como currículo pleno para o curso de Pedagogia que de acordo com o Decreto 1.190/39, contemplava uma seção especial de pedagogia e didática. A disciplina Complementos de Matemática e Estatística Educacional aparecem em primeiro plano nos respectivos blocos do primeiro e segundo ano do curso. Por sua configuração, o currículo se distanciava das disciplinas da Escola Normal e definia um perfil de bacharel em pedagogia, “um técnico em educação que, ao cursar didática geral e especial, se licenciaria como professor. [...] como uma espécie de prêmio de consolação, foi dado aos licenciados em pedagogia o direito de lecionar filosofia, história e matemática nos cursos de nível médio” (SAVIANI, 2008, p. 41).

Com a Lei 4024/61, O Conselho Federal de Educação aprova um novo currículo para a Pedagogia, introduzindo Higiene Escolar e Biologia e eliminando a disciplina “Complementos de Matemática”.

Para Milléo Pavão (1978), “a disciplina era um pré-requisito da Estatística Educacional, isso diminuiu-lhe as possibilidades de incentivo à Pesquisa Educacional”. Para essa reconhecida educadora matemática paranaense, defensora do ensino de Estatística nos cursos de formação de professores, com a supressão da disciplina o Brasil

perdia uma oportunidade de “preparar o educador para as grandes transformações exigidas pelas mudanças rápidas que marcaram a última década” (p. 25). Contrapondo-se às críticas, tecidas por Walnir Chagas, de que o Curso de Pedagogia não chegava a formar o professor como os demais a educadora diz:

A eles se opõem dezenas de observações (que infelizmente não foram formalizadas em pesquisas). Confrontando-se o desempenho dos professores de Matemática, licenciados em Pedagogia, com o dos licenciados em Matemática, sabe-se que os resultados são favoráveis aos licenciados em Pedagogia. Observações idênticas podem ser feitas em relação disciplina de História. As explicações a esses fenômenos nunca foram solicitadas por autoridades promotoras das reformas. Entretanto, qualquer diretor de escola de ensino médio da época podia entregar turmas aos licenciados em Pedagogia para regência da disciplina de Matemática, pois embora eles não tivessem conteúdos profundos de matemática, eram adequadamente formados para despertar nos alunos o gosto e o interesse pela matéria em para fornecer-lhes os métodos de aprendê-la. O licenciado em Matemática, na maioria das vezes, no exercício do magistério, apresentava um conhecimento insuficiente ou mesmo nada sabia da psicologia da criança; seu objetivo era ‘ensinar quantitativamente’ e encher-lhe a cabeça de informações. (MILLÉO PAVÃO et al., 1978, p. 26).

A professora justifica sua crítica afirmando “não se tratar, evidentemente, de defender uma volta ao passado, mas de fornecer material para reflexão em face da situação atual” (p. 26). Em entrevista recente, concedida à autora, Zélia relembrou o perfil do Curso de Pedagogia da UFPR, do qual fora aluna no final dos anos de 1950. Recorda que desde os tempos de internato, as freiras estimulavam Zélia a fazer o curso de Pedagogia para retornar ao Colégio como professora de Matemática.

Na época, meados do século XX, a Pedagogia era um difícil curso de bacharelado que dava direito a lecionar a disciplina Matemática nas escolas secundárias. Em uma das entrevistas concedidas, Zélia se refere a este curso, exclamando: *Nossa senhora, que curso difícil!* Relembra que as aulas da disciplina “Complementos de Matemática”, ministrada por Algacyr Maeder, no Curso de Pedagogia, serviram-lhe de estímulo para, posteriormente, cursar o Bacharelado de Matemática na UFPR, curso que concluiu em 1961. Engenheiro e professor de Matemática na UFPR, Algacyr Maeder era reconhecido nacionalmente como um dos principais

autores de livros didáticos de Matemática para o ensino secundário (PINTO, 2013, p. 400) .

Desde o Estatuto das Universidades Brasileiras, a formação dos professores em nível superior passou por inúmeras mudanças. O Ministro Francisco Campos, ao elaborar esse estatuto, em 1931, já atribuía o papel das Faculdades de Educação no contexto educativo brasileiro, imprimindo-lhe um caráter de universalidade, uma faculdade capaz de ultrapassar “os limites do interesse puramente profissional”. Para Francisco Campos, a nova faculdade não seria apenas um ‘órgão de alta cultura ou de ciência pura e desinteressada’ seria, ‘antes de tudo e eminentemente, um Instituto de Educação’, com a função prioritária de, sobretudo, formar professores para o ensino normal e secundário (Saviani, 2008).

A formação almejada na Faculdade de Educação deveria suprir aspectos frágeis do ensino superior e secundário, de acordo com o Ministro, preparar professores para o exercício do magistério no ensino secundário e normal. Esse caráter utilitário não fora a opção da USP, quando da criação em 1934, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, cujos cursos voltados ao “cultivo do saber desinteressado” distanciavam-se do caráter ‘utilitário e pragmático’ prescrito por Francisco Campos. O espaço da educação deslocava-se da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e centrava-se no Instituto de Educação que havia incorporado a antiga Escola de Professores do Instituto Caetano de Campos (SAVIANI, 2008, p. 26).

A disputa entre “cultura geral x cultura profissional” permaneceu meio difusa no currículo dos cursos de Pedagogia de meados do século XX. Na capital paranaense a disciplina Complementos de Matemática, ministrada por Algacyr Munhoz Maeder, na UFPR, por Euro Brandão, na PUCPR, eméritos reitores das respectivas universidades, o primeiro, no início do ano nos 1970, o segundo, de 1986 a 1998.

No primeiro semestre de 1952, o engenheiro civil Euro Brandão, professor da cadeira de Complementos de Matemática lecionou, para a 1ª turma do Curso de Pedagogia, os seguintes temas de Matemática: Introdução ao Ensino de Complementos de Matemática, Matemática e sua Importância, Introdução à Geometria Analítica, equação da reta, condições de equivalência e paralelismo, reta passando por dois pontos, equação do círculo, progressões aritmética e geométrica, interpolação geométrica, função exponencial, variação da função exponencial, logaritmos, função logarítmica, cálculo de limite, equação da reta, exercícios e resolução de problemas. Com isso, o Professor Euro inaugurava o

ensino de matemática na futura Pontifícia Universidade Católica do Paraná, da qual viria a ser Reitor, após exercer o cargo de Ministro da Educação do Brasil. (ALMEIDA, 2013, p. 8).

Euro Brandão destacou-se, nos meios acadêmicos como professor universitário, filósofo, engenheiro civil, artista plástico de reconhecida sensibilidade estética, autor da via-sacra que retrata as cenas da paixão de Cristo na capela universitária Jesus Mestre. Intelectual respeitado teve diversas obras publicadas e ocupou a cadeira n. 17 da Academia Paranaense de Letras. Foi presidente do Círculo de Estudos Bandeirantes e durante 12 anos, Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Educador com olhos voltados para o futuro, como ministro da Educação, entre 1978 e 1979, trouxe importantes melhorias para o ensino do país, como a implementação do programa de pré-escola e a instalação de projetos-pilotos para melhorar a educação rural no Nordeste do Brasil. Em 1968 fundou o Centro de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Paraná e em 1984 criou o Curso de Bacharelado em Ciência da Computação, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (FERRARINI, 2011).

Considerações Finais

A trama elaborada para reconstituir a história de uma disciplina escolar projetada para, em meados do século XX, contribuir na formação de pedagogos, coloca em destaque elos de uma história conectada entre duas reconhecidas instituições formadoras de professoras de Curitiba. Nesse breve relato é possível identificar a filiação da disciplina à cultura profissional dos formadores, um rastro deixado nas representações profissionais dos formandos por aqueles que para além da sala de aula conquistaram *status professional* no meio acadêmico.

Ministrada por professores filiados às ciências exatas - a maioria engenheiros, com reconhecimento social e político, a disciplina expressa traços da matriz disciplinar da área de referência do formador, aliando aspectos de cultura geral a uma cultura profissional, dando ênfase à cultura matemática do ensino secundário deslocando da formação ministrada pela escola primária, contudo, sem perder de vista as bases científicas da profissão. Nesse sentido, a disciplina oportunizou uma cultura geral, formalística e abstrata, considerada adequada ao ensino de um “complemento” para a disciplina Estatística Educacional, fornecendo instrumental para uma articulação teoria e prática no âmbito do currículo de formação do pedagogo, uma possibilidade de favorecer um diálogo

entre disciplinas parceiras de formação: Educação Comparada, Administração Escolar, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação. A proposta era de investir na amplitude profissional do pedagogo, tendo em vista a formação de um cientista da educação. Para além de “arte” e “bom senso”, na educação concebida como ciência, para ensinar matemática não bastava o conhecimento matemático do engenheiro/professor, a formação do professor em nível superior estaria voltada à cultura de um tempo histórico em que as universidades conquistaram sua autonomia investindo na humanização das ciências.

Nesse sentido, a história de uma disciplina escolar encontra-se conectada à história dos sujeitos que estiveram a frente das disputas por um espaço acadêmico capaz de marcar presença na cultura de seu tempo. Em um tempo de Inquérito e Escola Nova em que o INEP impulsionava a pesquisa e contava com um profissional preparado para compreender a realidade educacional brasileira, “em números”, a Estatística complementada pela Matemática daria a esse profissional, o *status* de nível superior, o *profissional* com habilidade para pensar a realidade educacional do seu país. Para além do modelo de professor transmissor de conteúdos matemáticos, os Complementos de Matemática, disciplina aliada à Estatística Educacional configurou-se uma ferramenta instrumental para o pedagogo “professar cientificamente” sua docência.

Referências

- ALMEIDA, M. de C. A formação de professores de matemática na PUCPR – 60 anos de experiência. Curitiba: **Anais do XI ENEM**, 2013.
- ALMEIDA, Z. M. de C. **A trilha de um mestre Arthur Santos Almeida**. Curitiba: Vicentina, 2007.
- CERVI, R. M; MÜLLER, S.M. Depoimentos de Lauro Esmanhoto. Curitiba, Pr: **Educar. Revista do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná**. 7(1/2):79-98, jan./dez.1988.
- CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné**. Paris : La Pensée Sauvage, Editions 1991.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria&Educação**. Porto Alegre, nº 2, 1990, p. 177-229.
- FERRANINI, S. **Círculo de Estudos Bandeirantes Documentado**. Curitiba/Pr: Editora Champagnat, 2011.

GLASER, N. Z. R. R. Educação na história da UFPR: apontamentos para uma minuta cronológica. Curitiba, Pr: **Educar**. Revista do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. 7(1/2):13- 58, jan./dez.1988.

GLASER, N. Z. R. R; CARNEIRO, A.L. Depoimentos de Albano Woiski. Curitiba, Pr: **Educar**. Revista do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. 7(1/2):107-122, jan./dez.1988.

GOODSON, I. F. **A construção social do currículo**. Lisboa: Educa, 1997.

MILLÉO PAVÃO, Z; PEDRA, N. M.de S; SOCORRO, M.A; PEDRA, J.A. Projeto de Organização de Centro de Estudos de Currículo da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Pr: **Revista de Educação**. Universidade Federal do Paraná, Série Mestrado, Ano 2, - n. 1, 1978, pp. 07- 40.

PINTO, N. B. Zélia Milléo Pavão: uma educadora matemática paranaense. VALENTE, W. R. (Org.). **Educadoras Matemáticas: Memórias, Docência e Profissão**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. – (Coleção história da matemática para professores), p. 399- 410.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. 卍(Coleção memória da educação).

VAN DEN BERG, V; MIRANDA, J.V. Depoimentos de Pórcia Guimarães Alves. Curitiba, Pr: **Educar**. **Revista do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná**. 7(1/2):123- 149, jan./dez.1988.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 2 ed. Curitiba, Grafipar, 1969, 3º volume, 1969.